

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

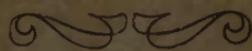
DISCURSOS

DR.

VICENTE DE CARVALHO

E DR.

BRASILIO MACHADO



SAO PAULO

ESCOLAS PROFISSIONAIS PALESTINAS

1912

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

DISCURSOS

DE

VICENTE DE CARVALHO

E DE

BRASILIO MACHADO



SÃO PAULO
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
1912

22 Dr. Estevam de Almeida	João Monteiro
23 Conege Manfredo Leite	Manoel Vicente
24 Carlos Ferreira	Quirino dos Santos
25 Antonio de Oliveira	Frederico Warnhagen
26 Dr. P. Gomes Cardim	Arthur Azevedo
27 Dr. L. B. Gama Cerqueira	Barão de Ramalho
28 Dr. Rubião Meira	Caetano de Campos
29 Dr. Valdomiro da Silveira	Paulo Eiró
30 Dr. Eugenio Egas	Diogo Feijó
31 Dr. Spencer Vampré (1)	Rangel Pestana
32 Dr. Ezequiel Ramos Junior	Ezequiel Ramos
33 Amadeu Amaral	Theophilo Dias
34 Basilio de Magalhães	Pedro Taques
35 José Vicente Sobrinho	Antonio de Godoy
36 Dr. Raul Soares	Eucydes da Cunha
37 Dr. Vicente de Carvalho (2)	João Mendes, o velho
38 Dr. Adolpho Pinto	Clemente Falcão Filho
39 Dr. Pedro de Toledo	Gabriel J. R. dos Santos
40 José Feliciano	José Bonifacio, o velho.

(1) Successor de Hypolito da Silva.

(2) Successor do Dr. Raphael Corrêa da Silva.



27 de Novembro de 1911

(SÃO PAULO)



Sob a epigraphe — *Academia de Letras*, escreveu o *Diario Popular*, de S. Paulo, em 27 de Novembro :

«S. Paulo vae assistir hoje, no salão do Conservatorio Dramatico e Musical, a um encantador torneio de arte. Torneio de arte em que dois dos seus mais distintos escriptores irão, ornados pelos adornos do estylo, sustentar as suas opiniões, defender as suas doutrinas, mostrar a sua indole philosophica e literaria.

«Vicente de Carvalho, o cantor inspirado dos *Poemas e Canções*, é, talvez, o mais paulista dos nossos poetas. Nasceu em S. Paulo, aqui se fez, educou-se, e toda a sua magnifica obra é um canto intenso, entusiasta á belleza da nossa terra.

«O seu recipendiario, todos o conhecem, é o tribuno incomparavel, autor das orações demosthenicas sobre *Camões* e *Carlos Gomes*. O barão de Brasilio Machado, como Latino Coelho em Portugal, é o typo do orador moderno.

«Dicção, riqueza de imagens, pureza de vernaculo, conhecimento scientifico e literario profundo, tudo isso elle possue a mancheias.

«E hoje, na sua oração academica, iremos assistir a um seu novo triumpho.

«Toda a sociedade *chic*, elegante e intellectual desta capital deve estar a postos esta noite, na sessão da Academia de Letras.

«Sem receio de hyperbole, podemos dizer que a propria Academia Brazileira difficilmente poderá realisar uma sessão como a de hoje.

«Nós, da nossa parte, felicitamos o mundo intellectual de S. Paulo pela bella festa que a Academia lhe prepara.»

E, no dia seguinte noticiou :

«A previsão não podia falhar, o acontecimento literario vinha sendo trabalhado com capricho, e nessa tarefa havia o brilho de dois nomes de saliencia em nosso meio mental — Vicente de Carvalho e Brasílio Machado.

«Assim, a sessão solenne, de hontem, da *Academia Paulista de Letras*, foi uma confirmação realçante do que se previa.

«No salão do *Conservatorio Dramatico e Musical* reuniu-se hontem o que de melhor S. Paulo conta na sua vida intellectual, no seu cultivo artistico. Cultores do verso, da prosa, os que fazem o bello na tela e no marmore, jornalistas, magistrados, scientistas, advogados, etc., alli compareceram, e um grande numero de senhoras, encheram o vasto salão, cujo aspecto, com o seu adorno, sobrio mas elegante, era bellissimo.

«Às 8 e meia da noite dava-se começo à solennidade, entrando no salão os academicos srs. barão Brasilio Machado, Estevam de Almeida, Adolpho Pinto, Almeida Nogueira, Reynaldo Porchat, Gomes Cardim, Ulysses Paranhos, Silvio de Almeida, d. Presciliana Duarte de Almeida, Eduardo Guimarães, Spencer Vampré, Claudio de Sousa, Wenceslau de Queiroz, Alberto Faria, Valdomiro Silveira e Amadeu Amaral.

«O dr. Ulysses Paranhos, substituindo o presidente, que era o dr. Brasilio Machado, mas então com o encargo de receber o novo «immortal» paulista, convidou o dr. Altino Arantes, secretario do Interior, e que na cerimonia representava o governo, para dirigir a sessão.

«O dr. Altino Arantes agradeceu a gentileza e nomeou os academicos Almeida Nogueira e Reynaldo Porchat para introduzirem na sala o dr. Vicente de Carvalho. Seguidamente entrou o novo academico acompanhado dos introductores. Nesse momento, toda a assistencia, de pé, fez uma prolongada ovacão ao festejado poeta, ao mesmo tempo que o presidente da assemblea collocava as insignias academicas ao peito do dr. Vicente de Carvalho, que deu inicio ao seu discurso. E' uma cuidada peça oratoria, bellissima na simplicidade do estylo, cheia de delicadezas de forma. O leitor já deve prever que não lhe podemos propor-

cionar esse mimo literario, em que o meticulooso prosador e fulgurante poeta se esmerou. Um resumo que tentassemos fazer, seria profanar esse trabalho.

«O dr. Vicente de Carvalho alludiu á sua entrada para a Academia, faz o elogio do patrono da cadeira, o dr. João Mendes de Almeida, e passa depois a ocupar-se do academico a quem succedia, o dr. Raphael Corrêa, dessas duas individualidades traçando-lhes a linha dos seus meritos.

«Terminado o seu discurso, o novo academico é objecto de uma salva de palmas, sendo muito cumprimentado e abraçado.

«Faz-se novo silencio, e sóbe ao palquete o dr. Brasilio Machado. Todos conhecem o valor do famoso orador, um dos mais salientes vultos da tribuna brazileira, mestre no saber e no dizer Tinha a seu cargo receber o dr. Vicente de Carvalho. Com o seu colorido discurso, que encantou o selectissimo auditorio, o illustre presidente da *Academia Paulista de Letras* prestou uma viva homenagem ao *récipiendaire*, e com uma fina delicadeza de tacto fez uma critica ligeira a alguns pontos do discurso do novo academico, passando depois a tratar da obra poetica e prosadora do dr. Vicente de Carvalho, a qual exaltou através de um *aperçu* de estudiosos.

«O discurso do dr. Brasilio Machado foi rematado com uma estrondosa ovacão.

«Durante a sessão foram recebidos innumeros telegrammas do Rio e de pontos diferentes do Estado, de amigos e admiradores do dr. Vicente de Carvalho que o felicitavam e se escusavam de não terem podido comparecer, taes como os drs. Albuquerque Lins, Carlos de Campos, Pedro de Toledo, José Vicente Sobrinho, Lino Moreira e outros.

«Eram dez e poucos minutos quando o salão se esvaziou rapidamente, levando todos a impressão de agrado produzida por esta festividade solenne em que de uma maneira condigna a *Academia Paulista de Letras* mais uma vez soube manifestar o seu espirito de justiça e os elevados intuitos da sua missão de incentivo ao trabalho e ao merito.»

Por sua vez o *Estado de S. Paulo* escreveu:

«Foi hontem, como estava anunciado, a recepção do illustre poeta Vicente de Carvalho na Academia Paulista de Letras.

«A's 8 horas da noite, no salão do Conservatorio Dramatico e Musical magnificamente illuminado e ornamentado, era grande a concorrenzia de distintas familias e dos representantes do mundo official, das letras, da magistratura, do jornalismo, da mocidade escolar. Era brilhante o aspecto do salão.

«Minutos depois entraram na sala os academicos presentes, srs. barão Brasílio Machado, Estevam de Almeida, Adolpho Pin-

to, Almeida Nogueira, Reynaldo Porchat, Gomes Cardim, Ulysses Paranhos, Silvio de Almeida, d. Presciliiana Duarte de Almeida, Eduardo Guimarães, Spencer Vampré, Claudio de Souza, Wenceslau de Queiroz, Alberto Faria, Valdomiro Silveira e Amadeu Amaral.

«O Sr. Ulysses Paranhos, primeiro secretario da Academia, assumiu a presidencia, ladeado pelo academico sr. Eduardo Guimarães, e do dr. Altino Arantes, secretario do interior. Abrindo a sessão, declarou que a Academia tinha naquelle occasião a honra insigne de se reunir para receber em seu seio o grande poeta brasileiro Vicente de Carvalho, cujo elogio fez em rapidas palavras. A Academia e toda a assistencia, continuou, iam ter o prazer de ouvir a palavra tersa e fulgurante do notavel homem de letras e a eloquencia encantadora do sr. Brasilio Machado. Correspondendo á anciedade de todos os presentes, limitava-se ás poucas palavras ditas e a convidar para a presidencia o sr. secretario do interior.

« O sr. dr. Altino Arantes, assumindo a presidencia, nomeou os srs. Almeida Nogueira e Reynaldo Porchat para introduzirem no recinto o dr. Vicente de Carvalho. O illustre poeta foi recebido com uma fragorosa salva de palmas e, ao resoar da mesma salva de palmas, approximou-se da mesa da

presidencia, onde o sr. dr. Altino Arantes o felicitou e lhe collocou o distintivo academico, dando-lhe em seguida a palavra.

«O sr. Vicente de Carvalho leu o seu discurso no palco do salão, sendo ouvido em religioso silencio. Alludiu com modestia á sua entrada para a Academia e fez o elogio do patrono da cadeira, o dr. João Mendes de Almeida, e do academico a quem sucedia, o dr. Raphael Corrêa. Seria dificil e inutil tentar aqui resumir esse discurso. Mais algumas horas e publical-oemos na integra, não o fazendo hoje por invenciveis difficuldades de tempo e de espaço. Limitamo-nos a dizer que o discurso do sr. Vicente de Carvalho esteve absolutamente na altura do seu talento, e agradou intensamente.

«Ao terminar, nova e fortissima salva de palmas, seguida de muitos abraços — os abraços de todos os academicos e de muitas outras pessoas presentes.

«Em seguida, o sr. Eduardo Guimarães leu cartas e telegrammas de excusas e de felicitações :

— do academico sr. Carlos de Campos, que, impedido de comparecer, rogava que se transmittissem os seus cumprimentos ao sr. Vicente de Carvalho, e communicava que o sr. presidente do Estado tambem se achava impossibilitado de assistir á sessão, pedindo desculpas :

— do academico sr. Pedro de Toledo (telegramma) pedindo ao dr. Silvio de Almeida que o representasse ;

— do sr. dr. Lino Moreira (telegramma do Rio), apresentando effusivas saudações ao grande poeta brasileiro por occasião da merecida homenagem que lhe prestavam seus coestadanos ;

— do academico sr. José Vicente Sobrinho, excusando-se de não comparecer, pelo facto de se achar enfermo e de luto.

«Foi lido ainda um telegramma do sr. Pedro de Toledo ao sr. Vicente de Carvalho, com uma entusiastica saudação ao brilhante poeta e escriptor.

«Orou, depois, o sr. Brasilio Machado, cujo colorido discurso encantou os ouvintes por espaço de vinte minutos. Prestando vivas homenagens ao recipiendario, o presidente da Academia fez, com fino tacto e discreta elegancia, a critica de alguns pontos do discurso do novo academico, entrando depois a exaltar com carinho a obra poetica do sr. Vicente de Carvalho.

«Tambem o sr. Brasilio Machado teve muitos e calorosos aplausos, sendo abraçado e felicitado pelos seus confrades da Academia e por muitas outras pessoas presentes.

«Publicaremos amanhã o seu discurso, com o dr. Vicente de Carvalho.

«A sessão terminou debaixo de uma excellente impressão geral.

« — Entre os presentes notavam-se os srs. dr. Carlos Guimarães, ex-secretario do interior, senador dr. Luiz Piza, e dr. Aristides Amaral, representando o sr. secretario da Agricultura.

« — Os academicos srs. Benedicto Octavio e Basilio de Magalhães, residentes em Campinas, fizeram-se representar pelo sr. Alberto Faria.»

O sr. dr. Ulysses Paranhos, ao abrir a sessão pronunciou um breve discurso, assim resumido pelo *Commercio de S. Paulo* :

«Bem diz o acaso que lhe deu o grande prazer de abrir a brilhantissima solennidade, em que se vai assistir ao torneio encantador da poesia e da eloquencia.

«Acredita que nunca S. Paulo teve a satisfação de assistir a uma ceremonia como aquella, onde dois dos seus mais illustres escriptores, eminentemente locaes, pela intelligencia e pelo coração, se unem num só anejo de amor, de respeito, de solidariedade, e, no centro da nossa cultura mental, vêm expôr suas idéas, defender suas doutrinas, fundamentar seus modos de vêr, e isso no mais puro e lídimo vernaculo, esmaltado pelo mais formoso e trabalhado dos estilos.

«Em Vicente de Carvalho vai-se ouvir a palavra attica e elegante do mais valo-

roso escriptor paulista que, entusiasticamente, guarda no fundo d'alma, como num relicario sagrado, a idolatria fanatica pela nossa terra, idolatria que elle vem herdando dos seus antepassados, como um facho sacrosanto que não se apagará nunca.

«Dos labios de Brasilio Machado receber-se-á o verbo eloquente dum orador notavel, poderoso na argumentação, imaginoso nas idéas, logico nas conclusões.

«A sua phrase suave, musical, cheia de encanto, todos já a conhecem ; e dentro de alguns instantes os que ali se acham vão presenciar o espectaculo invejavel de vel-o ajuntar mais um triumpho ao seus já numerosissimos triumphos.

«E o dr. Ulysses Paranhos, em eloquente peroração, termina agradecendo o comparecimento de todos que ali estão, e convidando o representante do governo. dr. Altino Arantes, a assumir a presidencia da solenne sessão.

«Palmas, muitas palmas.»



DISCURSO

DE

VICENTE DE CARVALHO



Agradeço-vos, antes de tudo, senhores academicos, á distincção com que me honrastes destacando para receber-me á entrada da Academia o vosso illustre presidente. Quizestes, assim procedendo, que eu fosse recebido com palavras de ouro. Ides dar-me as boas vindas pela voz de um grande orador. Essa circumstancia, que me desvanece, condemna de antemão a uma justa obscuridade as phrases que eu possa dizer-vos. O meu discurso, mera formalidade do ritual academico, só poderia ter uma virtude: a de ser breve. O seu unico effeito, percebo-o sem vislumbre de illusão, será o de forçar-vos a esperar com impaciencia a palavra do mestre.

«Esto brevis». aconselhava Horacio aos poetas. O conselho é excellente; mas, como quasi todos os

bons conselhos, difficil de seguir-se. Nas artes da palavra, poesia ou prosa, a concisão constitue uma condição do successo. A arte é essencialmente synthetica, toda a redundancia importa uma rebeldia ás leis estheticas. No caso particular com que me vejo a braços, ás razões communs da esthetica se allia a vossa natural impaciencia exigindo que eu seja conciso. Mas não é conciso quem quer. Procurarei selo, é tudo quanto posso prometter-vos. Valha-me a vossa benevolencia quando houverdes reconhecido que não o consegui.

Succedo a Raphael Corrêa da Silva na cadeira da Academia que tem por patrono João Mendes de Almeida — dois nomes expressivos, de uma significação flagrante. A historia das cadeiras academicas é quasi sempre um tecido de ironias... Nas academias não vigoram leis de successão; é o acaso que distribue a herança dos que morrem, e o acaso tem a imaginação traves-

sa. Estamos agora diante de uma das suas travessuras.

Raphael Corrêa, consagrando ao nome de João Mendes a cadeira que a Academia lhe destinara prestou ao mestre uma homenagem de discípulo fiel, em que entraram por igual o sentimento e a logica. Eram estreitas entre ambos as affinidades do temperamento e do feitio intellectual. Em ambos, o profundo sentimento religioso alicerçou a uniformidade da vida. Num tempo de transição brusca, numa sociedade agitada pela ancia de transformação como por uma febre, cheia de confiança num futuro que não define bem mas para o qual avança com avidez, esses dois homens de bronze se mantiveram, com rara perseverança espiritual, heroicamente fieis, nos sentimentos, nas idéas, na conducta, aos dogmas em cuja disciplina se criaram, viveram e morreram.

Escriptores por vocaçao, juristas profissionaes, politicos militan-

tes, ambos tiveram no mesmo grau de culto religioso o apego ao passado e o respeito á tradição. Foram de uma coherencia inteiriça. Ultramontanos em religião, conservadores na monarchia, monarchistas na republica, romanistas no direito, mantenedores da vernaculidade dentro dos moldes quinhentistas, ambos seguiram na vida por uma linha recta através de ideas que em seu derredor germinavam sem os interessar, e de acontecimentos que em torno delles tumultuavam sem os arrastar.

João Mendes foi uma figura de alto relevo em nosso meio social. Durante meio seculo, conservou-se em destaque á vista de todos os olhos essa individualidade de homem forte que attingiu uma edade avançada e não envelheceu. Tinha um todo de athleta, era uma natureza feita de vigor: de vigor physico, que o manteve inaccessible ao cansaço numa larga existencia de agitação e de esforço sem tre-

guas; de vigor moral, que lhe permitiu ser, sem intermitencias e sem desfalecimentos, um combatente de todas as horas em prol de crenças inabalaveis; de vigor intellectual, revelado com o mesmo brilho nos trabalhos magistraes do advogado, nos recursos imexgottáveis do parlamentar e do chefe partidario, nas arrancadas de polemista de imprensa, nas paginas de livros escriptos com um amor cultural e uma sciencia meticulosa da lingua.

Raphael Corrêa da Silva fez a sua formação intellectual na idolatria justificada desse modelo. O discípulo foi a miniatura do mestre—digo-o sem intenção depreciativa: o vulto de João Mendes foi elevado bastante para que de seus hombros para baixo possam ainda fazer boa figura estaturas não vulgares. Raphael Corrêa veio muito depois e morreu muito mais moço. Faltou-lhe meio propicio, e não ha grande homem que não

seja em certa proporção um producto cultural do seu meio; escasseou-lhe o tempo numa vida ceifada quando começava a amadurecer, e a velhice, em compensação de tanto que tira, dá prestigio..

João Mendes fez-se homem numa phase da vida nacional favorável á acção dos que representavam a resistencia do passado. Em politica, como em tudo o mais, a evolução das idéas se faz por movimentos de fluxo e refluxo. O homem, a generalidade dos homens, é versatil; o ambiente moral é variavel como a atmosphera terrestre... Aos entusiasmos liberaes da Independencia succedera no espirito nacional uma corrente francamente reaccionaria. Os primeiros vinte annos da nossa vida politica tinham sido uma agitação ininterrompida. Já em 1823 era dissolvida a Assembléa Constituinte «por haver perjurado ao tão solenne juramento que prestou á nação, de defender a integridade

do imperio, sua independencia, e a minha dynastia» — declarava rudemente o decreto imperial que a dissolveu.

Em 1824 formava-se e desfazia-se, não propriamente como uma bolha de sabão, mas de sangue, a malograda Confederação do Equador. Pouco depois Feijó trovejava na assembléa Geral: «A Constituição não pode marchar sem a responsabilidade do governo; voto, portanto, pela accusação dos ministros». — e 32 deputados contra 39 votavam pela responsabilidade criminal dos ministros da justiça e da guerra. Em 1831 desabava o Imperio, e começava a successão de tempestades que foi a Regencia. Ceará, com os chiman-gos, em 1831-32; Pernámbuco, com os cangaceiros, em 32-35; Pará, com os cabanos, em 35-37; Bahia, em 37-38; Maranhão, em 38-40; Minas e S. Paulo, em 1842, cada uma das principaes regiões do paiz teve a sua convulsão mais ou menos passageira, sem falar

na guerra dos farrapos, que durante dez annos desfraldou nos campos do extremo sul, rubra do vermelho symbolico da democracia e do vermelho vivo do sangue, a bandeira da republica e do separatismo

Durante essa prolongada crise, o sentimento publico esmorecido e atemorizado voltara-se para o principio da autoridade forte como para a unica taboa de salvação no naufragio em que tudo parecia prestes a sossobrar. « Fui liberal, dizia o illustre Bernardo Pereira de Vasconcellos, fui liberal, então a liberdade era nova no paiz; estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, nas idéas, praticas. O poder era tudo, fui liberal. Hoje, o caso é diverso: os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometteram, a sociedade que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganisação e pela anar-

chia. Como então quiz, quero agora servil-a; e, por isto, sou regressista »

Nessa confissão de seus sentimentos pessoaes, exprimia Bernardo de Vasconcellos o estado do espirito publico. Dava-se na opinião nacional um movimento para traz. Temia-se a liberdade; depois de vinte annos de lutas, a tranquillidade se tornara o unico idéal, confundiam-se no desgosto pela desordem as prevenções contra o liberalismo. As velleidades republicanas tinham desapparecido da scena, sem deixar outro vestigio mais que a memoria, abominada emquanto não foi esquecida, de alguns martyres. Timidas e vagas aspirações liberaes, acolhidas e encolhidas á sombra do throno e do altar, nem puderam impedir que a lei de 3 de dezembro de 1841 implatasse o regimen da soberania policial, ao qual o paiz deveu o duvidoso beneficio de uma prolongada paz interna semelhan-

te, menos ainda na apparencia do que na realidade, á estagnação das aguas mortas

Inspirado nos sentimentos do amor incondicional á ordem, de falta de confiança na liberdade, de indifferença pelo progresso, o partido conservador constituiu-se orgam legitimo da opinião nacional, e dominou a politica do segundo imperio.

Nesse meio nasceu João Mendes de Almeida. Homem do seu tempo, foi um typo accentuada-mente representativo da sua gera-ção, e dispôz assim do concurso de uma grande força collectiva para fazer valer a sua acção pessoal. A conformidade com o meio deu a esse espirito autoritario por sistema uma encantadora flexibili-dade de combatente de bom humor. Apostolo ardente de princi-pios austeros, elle temperava fre-quentemente de espirituosos sorri-sos de ironia as suas coleras. Rebar-bativo em doutrina e expansivo por

temperamento, era formidavel e bondoso. Duas unicas aspirações verdadeiramente liberaes, traduzidas em facto, formam o reduzido patrimonio historico do segundo imperio: a refórma judiciaria de 1870, e a emancipaçao dos escravos; por ambas se bateu galhardamente João Mendes de Almeida, em ambas, como jornalista ou como deputado, collaborou com ardor e com efficacia.

Raphael Corrêa, esse, veiu tarde. Criou-se, de certo, ouvindo a voz desanimada dos velhos que tinham sido os homens de 1834; mas essa voz era então apenas um éco amortecido que já quasi ninguem ouvia. De 1841 para 1870 o paiz, na sua caminhada somnolenta, avançára vagarosamente, mas avançára. Começava, um periodo novo em nossa historia, uma corrente vertiginosa ia arrastar-nos.

Em politica, a aspiração republicana, enterrada durante trinta annos, germinara na sombra e

resurgia vigorosamente com essa energia que eu não sei se é um factor da victoria ou se é producto espontaneo de uma predestinação á victoria; os liberaes propendiam para fazer da desaggregação federativa uma condição da sua fidelidade á monarchia ; o proprio partido conservador, que representava de nome e de intenção a fidez, tinha sido forçado pela accão do tempo a evoluir para fóra do estreito reducto em que durante trinta annos se fechara : realisando a refórma judiciaria, matára o dogma da autoridade infallivel, o ideal da ordem garantida pela pressão, da nação contida pela polícia, da administração como unico programma politico; fazendo prender os bispos de Olinda e Pará, ferira com um golpe profundo o prestigio da Egreja official, e deslocára o eixo do nosso direito publico ; decretando a libertação do ventre escravo, aluira pelos alcerces o nosso edificio economico,

e obrigara-se a olhar para o futuro. Um sopro de curiosidade espiritual arrastava os espiritos, sobretudo na mocidade das escolas superiores, tirando-os da submissão passiva ás velhas verdades acceitas por tradição para o exame de problemas novos, que a philosophia suscitava com o auxilio de novas sciencias cheias de audacia. Começava a generalisar-se o sentimento de que o que estava feito não era tudo quanto havia por fazer, de que o que estava dito não era a ultima palavra sobre coisa nenhuma.

Foi nesse meio de esboroamento politico e de renovação espiritual que surgiu, com a sua alma antiga, Raphael Corrêa da Silva. Era forte a sua vocação de escriptor, e bem cedo, na Faculdade de Direito, se revelou. Alli foi elle, emquanto estudante, redactor do «Constitucional», orgam dos moços conservadores, e da «Reacção», orgam dos moços clericalistas.

Facilmente se imagina como seria extremada a represalia desse joven paladino do passado contra as tendencias da sua geração. A tolerancia é uma virtude da maturidade ; a mocidade é demasiada entusiasta para que possa ser indulgente. O temperamento de Raphael Corrêa determinou a sua attitude ; mas a attitude que elle assumiu acirrou o seu temperamento reaccionario e bellicoso. A sua situação de combatente por uma causa perdida fez delle um revoltado systematico e irritado contra tudo quanto fosse novo. Até da lingua que falava, elle, moço, num paiz moço, exigiu, não que parasse, mas que voltasse atraz; um dos traços que o distinguiram foi o exagero da vernaculidade, a preocupação de exprimir-se em estylo quinhentista. Esquecia, ou fingia esquecer, que só as linguas mortas estacionam. Dois mil annos antes de inventada a philologia já o velho Horacio revelava.

a intuição de que as linguas são organismos vivos:

Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos.

em versos que o velho Candido Lusitano assim amolleceu numa traducçao para o vernaculo:

Assim como a floresta perde as folhas
Quando declina o anno, assim a edade
Das palavras acaba : outras succedem
Que, nascidas apenas, já florescem
Em bella mocidade, e tomam força.
Nós, e tudo que é nosso, á morte estámos
Obrigados ..

Pois nem tambem de todas as palavras
Ha de sempre durar o apreço e graça.
Quantas renascerão, que estavam mortas,
E quantas morrerão, que agora vivem,
Se o uso consentir, pois é da lingua
Summo legislador e regra viva.

Em 1881 saia Raphael Corrêa da Academia de Direito, com a sua carta de bacharel e uma reputação justificada de estudioso e de erudito, de escriptor correcto, de conservador intransigente, e de catholico fervoroso. Eleito deputado á Assembléa Provincial, nella teve assento por duas legislaturas,

de 1882 a 1885. A sua curta carreira parlamentar não se distinguiu por grande brilho; e era natural que assim acontecesse. Faltou-lhe o favor do meio. Pouco ecoaria ter essa voz desautorizada de moço, invocando o passado numa assembléa onde velhos republicanos prophetisavam com ardor o esboroamento proximo das instituições, velhos liberaes punham já em plano secundario a causa da monarchia, velhos conservadores, desarraigados por uma torrente irresistivel, sentiam-se arrastados para a adopção de todas as reformas que poucos annos antes formavam o programma do liberalismo exaltado. Joven paladino da immobilidade, Raphael Corrêa teve a infelicidade de apparecer numa crise de movimento geral para a frente. O seu proprio partido deixou-o á margem em que elle se fixára, e não o reelegeu. Entregou-se então, por officio, á advocacia, e, por inclinação, aos estudos de

direito, de historia, da lingua. Em 1889 fez uma tentativa, que falhou, de reentrada na actividade politica apresentando-se candidato á deputação geral. Logo depois sobrevinha a Republica — que elle combateu com vehemen-
cia, pôde-se dizer com desespero. Expandiu a sua indignação sincera em artigos no «Imperio» e na «Restauração», dois jornaes de vida ephemera e cujos titulos dispensam qualquer definição do que foram. Um trabalho, impresso na «Revista da Faculdade de Direito», e intitulado «Da mensagem e lesa-majestade», dá idéa preciosa do espirito de Raphael Corrêa, do seu modo de pensar e de sentir. Encouraçado contra a noção de «povo soberano», criada e propagada literariamente pela democracia, elle considera a multidão —

«o ignobil vulgo, o povo amor-pho, a mescla anonyma, incapaz de uma manifestação da vontade...»

Acceitava, sem hesitação, a origem sobrenatural da soberania dynastica:

«A majestade do monarcha, escrevia elle, isto é, todos os direitos e prerrogativas da soberania coadunados na pessoa do imperante, nada tinha de investidura popular; não tinha que ver com a vontade do povo; nenhuma parcella do poder publico derivava dos subditos ou vassalos. E' indubitavel que nós não temos mais essa figura juridica... crescida ao calor das virtudes dos soberanos, enaltecida e arraigada no seio das massas pela gratidão dos povos, sancionada pela opinião dos philosophos como um bem que era para as sociedades.»

Referindo-se ás monarchias absolutas, não as absolvia como frutos naturaes de certos periodos historicos, adoptava-as como a forma perfeita da organisação social:

« As monarchias absolutas, escreve, davam de si tantas grandezas, que formam boa parte do glorioso patrimonio dos nossos maiores, e fazem inveja ás democracias modernas. »

Tratando de privilegio, elle oppunha tenazmente ao texto da Constituição Federal a tradição jurídica

« aquillo que desde os romanos vem altamente legislado» — as Ordenações do Reino, a lei de 3 de dezembro de 1841, o Regulamento 120, de 1842, e as opiniões de varios praxistas.

Em tudo se revelava sem rebuço o seu gosto pelo que é antigo — eu ia dizendo quasi: pelo que tem a consagração do bolor...

« João Carvalho — são palavras suas — João Carvalho, numa larga dissertação rica de erudição, invoca em seu pról textos do « Ecclesiastes », dos « Proverbios », de Aristoteles, de Seneca, e numeros de Direito Romano. »

Era por assim dizer religiosa a sua veneração pela autoridade do passado :

«Assim fala nos textos dos nossos tratados de direito a sabedoria dos antepassados...»

Elle votava uma fidelidade orthodoxa ás instituições decaidas, sentia-se azedamente incompativel não já com o futuro, prenhe de incertezas, mas com o presente, amontoado de ruinas... Em 1906 agitou-se entre nós, preoccupou os politicos e foi debatido na imprensa, um problema concernente á autonomia dos municipios. Certo journal pediu a varios publicistas seus pareceres no assumpto em litigio. O de Raphael Corrêa foi interessantissimo:

«O levante militar de 15 de Novembro, devia de, como em geral operam os furacões na atmosphera, erguer ás alturas da politica muitos argueiros.

Estes, já envoltos nos vapores densos do incenso ambiente, já

obumbrados pelos mais densos anima que evolam das forjas intimas da propria vaidade, têm tido fóros e nome de estadistas em falta de melhor palavrà. E, assim como arredaram Deus de tudo que têm elaborado, assim arredaram o senso commum de sob os olhos, de sob os passos, de deante da espada militar e de deante da penna civil. Fizeram para uso e desfrute da Nação brasileira, attonita pelo su-bitu fragor da trovoada, um leito de Procusto, no qual a deitaram sem grande esforço, mas no qual não a têm podido ageitar segundo, as necessidades posteriores á hora da transformação. Puxam-lhe os braços, retesam-lhe o pescoço, ageitam a cabeça, recalcam o tronco mas, ao estirar as pernas, vê-se que sobram os pés por inteiro do leito malsinado. Surdem outros estadistas, que retraem as pernas, ageitam os pés, dão flacidez ao tronco e ao mais que estava reteso, mas os joelhos da doente

se empinam e descompõem a solennidade do caso. Neste jogo miserando estamos vae para mais de quinze annos ; e entre muitos despauterios, deram de mão á lei de primeiro de outubro 1828, que traduziu em suas disposições não só as necessidades da época, como previu com alto senso o progresso, dando-lhe larguezas dentro das regras da lei, de forma que em sessenta annos não julgou a sabedoria dos estadistas do imperio que fosse bom innovar a norma dos municipios.»

Passa a estudar a situação dos municipios, «devorados, nos dias de provação com que estamos sendo castigados, por dois monstros, o latrocínio, e o esbanjamento». Pouco adiante appella para uma autoridade decisiva. De quem? Do padre Antonio Vieira.

•O inexcedivel Vieira, dissertando sobre esta materia philosophica e theologicamente considera-

da, elucida o nosso caso. E' um pharol antigo, ficando á beira dos mares embravecidos da politica: olhemos para elle e encaminhemos a rota. E' de um sermão pregado em 1662 e n'uma sexta-feira de quaresma: «Antes da criação do « mundo estava decretado o céu, es- « tava decretada a terra, estavam « decretados os elementos, e tudo « quanto Deus creou, tudo estava « decretado e assentado em conse- « lho: mas todas essas coisas decre- « tadas que eram? O céu era nada, « a terra outro nada, os quatro ele- « mentos quatro nadadas e toda essa « infinitade de coisas uma infini- « dade de nadadas.»

...
Segue longamente com a citação de Vieira; e conclue:

« Parece que bastava isto para não haver que retrucar sobre estar quebrado a autonomia dos municípios com separar a concepção do conselho da sua realização.

,

...

«Fazer commentarios a tão expressivos textos do mais alto pregador que ainda houve em pulpitos brasileiros e portuguezes, seria infatuar os bellissimos conceitos de Vieira. »

Invocar a autoridade do padre Vieira a proposito da autonomia municipal é, sem duvida, um exagero. Revela-se nesse pormenor a feição de um espirito feito de amor exclusivista pelo passado, de saudade incuravel pelas coisas substituidas, de revolta contra o incessante movimento de transformação que, biologicamente, é a vida, e, no ponto de vista da sociologia, é a historia.

Ha uma certa travessura do a caso em destinar-me a vossa Academia a cadeira de Raphael Corrêa, em fazer-me sucessor desse intransigente conservador de todas as tradições, a mim qne nem tenho, como sabeis, a superstição tão generalisada da orthografia immutavel.

Admiro, porém, com sympathia, e procuro comprehendel-as, todas as convicções sinceras. Devemos ser tolerantes para com o que consideramos os erros alheios; os caminhos do erro são infinitos, o da verdade é um só—e talvez até não seja nenhum... Propendo para attribuir muito de imaginação ás verdades instaveis que formam o patrimonio do saber humano.

Supponho que erigimos em verdade a verosimilhança, procurando impor á natureza, que não nos consulta, a interpretação arbitrarria dos nossos sentidos e as regras estreitas do nosso raciocinio...

Nem o caso de Raphael Corrêa com a sua alma toda voltada para o passado é tão estranho como á primeira vista parece, nem faltava á sua fé uma certa logica. Em todos os tempos e no seio de todas as raças o passado teve um grande prestigio. E' velha a concepção de uma edade de ouro colocada no alvorecer do mundo.

Nada ha novo debaixo do sol — dizia o tremendo pessimista do Ecclesiastes ; e, de seculo em seculo, e de geraçao em geraçao, a facil erudição literaria vem repetindo a cada passo — « *Nihil sub sole novi* ». A propria philosophia grega, tão dominada pela paixão de vêr as coisas na sua realidade, essa philosophia que, nas palavras de Platão, « seguia a prova por onde quer que ella fosse, » — procurava em tradições velhas os fragmentos de uma sciencia desapparecida ; porque, testemunha-o Aristoteles na sua « *Metaphysica* », « as artes e as sciencias foram descobertas e esquecidas ha uma infinidade de annos ».

Eu sou um crente no progresso pelo desenvolvimento gradual e pela systematização crescente dos instinctos da sociabilidade na especie humana. Mas, confessso-o, a minha crença é uma superstição, tem mais de instinctiva do que de fundada em razões claras. No pou-

co que da natureza conhecemos, no pouco que percebemos da historia, nada autorisa a noção de um progresso indefinido. Sem duvida, a vida é movimento; nem sempre, porém, movimento para deante. Todos os organismos passam por um periodo de desenvolvimento seguido de um phase de retrogradação, é uma lei da biologia que parece ter uma consternadora applicação á historia. O curto periodo de poucos milhares de annos de que temos alguma noticia — porque a historia, resumida pagina de hieroglyphos num grande livro em branco — é menos um composto de conhecimentos adquiridos que de problemas sem solução — mostra-se-nos semeado das ruínas de civilisações que floresceram e morreram. Póde-se pôr em duvida que a nossa especie, considerada como um conjunto, isto é, como um organismo, faça excepção unica e essa é regra geral de tudo que conhecemos.

O progresso material no sentido de adaptação crescente da natureza ao domínio do homem, é um facto. Nesse particular, as riquezas se accumulam e augmentam incessantemente, porque os povos que decáem deixam o melhor dos seus bens incorporados ao patrimônio *commum*. Mas o progresso material não implica melhoradas condições por assim dizer pessoais da especie — e até, talvez contribua para a degenerescencia dela. Em todos os povos que tiveram grande papel na civilisação, o apogeu desta se não coincidiu com o abaixamento de nível intelectual e moral, precedeu-o de perto... A historia é uma escola do desânimo...

Não o é menos a anthropologia, que eliminou a concepção de um destino providencial do universo em serviço do homem ; e reduziu este á condição modesta de particula de um grande todo, de concidadão aristocrático de to-

dos os vertebrados do reino animal, concidadão retardatario, aparecido pelos fins da época terciaria na superficie da Terra já velha e povoada... Como os individuos, as especies são transitorias. Poucos destas viveram durante mais de um periodo geologico, nenhuma durante todos elles. A philogenia e a paleontologia, diz Haeckel, demonstram abundantemente que cada fórmula viva especifica não existiu ou não existe senão durante ou desde uma pequena parte dos cem milhões de annos, ou mais, que abrange a historia da vida organica... (*) A nossa especie desapparecerá, de certo, bem antes que a Terra, morrendo, deixe de offerecer condições de existencia a qualquer dos parasitas que sustenta; e é gratuita a hypothese de que ella possa progredir enquanto viver, fugindo á lei inexoravel que condena a gastar-se

(*) Haeckel. *As maravilhas da vida.* Cap. XVII.

pela propria vida tudo quanto vive. A morte é normalmente precedida de uma longa phase de decadencia organica. Não se pôde fixar o ponto exacto de transição entre o desenvolvimento e a retrogradação da nossa especie; com relação a qualquer organismo, ha apparencias de progresso que são realidades de decadencia... Esse ponto de transição, imaginal-o-ão os mais optimistas num remoto futuro, collocal-o-ão os mais pessimistas num remoto passado.

Raphael Corrêa era, certamente, dos ultimos ; e não o condenemos levianamente por isso. Argumentos não lhe faltariam; nunca faltam argumentos ao pessimismo em tudo quanto se refere ao confuso destino do homem, arrastado por forças desconhecidas e teimando na preocupação de lhes atribuir uma orientação... Bastará considerarmos que a pureza das raças foi um reservatorio de energia, a fonte das causas verdadeiramen-

te grandes que se fizeram ; — a que a evolução humana se tem feito no sentido de perda dessa força. As antigas migrações de povos e as guerras de conquista agiram lentamente nesse sentido durante milhares de annos ; o cosmopolitismo crescente da vida moderna precipita a fusão das raças, fazendo prever para perto de nós uma humanidade composta de mes-tícos, decaida physiologicamente, com a alma flutuando ao sabor de impulsos contradictorios, gaguejando vulgaridades numa lingua universal e sem vigor... Admittamos que os partidarios do passado nos perguntem em que progrediu o sentimento esthetico desde que a Grecia deixou de representar a civilisação ; o senso juridico, desde que Roma deixou de ser a senhora do mundo ; a firmeza moral, desde que os hebreus deixaram de collaborar na historia... Não lhes neguemos o direito de indagar o que, nos ultimos dois mil annos,

a humanidade fez que se possa oppôr com vantagem a esses tres grandes monumentos : a Iliada, o Direito Romano, a Biblia...

Não desdenhemos de plano os que condemnam a tumultuosa agitação em que vivemos, e a que chamamos progresso. Sabemos, ou suppomos saber pouco mais ou menos, o que foi o passado : ignoramos por completo o que será o futuro. Não sei se a existencia moderna, com as suas exigencias crescentes, a luta pela vida cada dia mais intensa, a necessidade premente do esforço individual, favorecerá o desenvolvimento da sympathia, que é uma condição da vida social em todas as espécies animaes superiores, e que evoluiu na humanidade até ao sentimento da solidariedade humana e até á concepção do altruismo...

Um velho paradoxo, que durante seculos, que talvez durante muitos milhares de annos guiou o espirito dos homens no caminho

do ideal e do aperfeiçoamento, dizia : « Amae aos outros como a vós mesmos ». O mais famoso dos juristas modernos, Ihering, faz-se pregoeiro de uma noção nova, a qual segundo parece, ganha terreno em doutrina e vai dominando na prática :

« Todo funcionamento do commercio jurídico ou social, diz Ihering, não é mais do que um sistema perfeitamente organizado do egoísmo. Essa apreciação, longe de ser crítica da organização social, não faz mais do que assinalar-lhe o mérito e elogiar o elemento que representa a sua grandeza e a sua força. Quanto mais a sociedade fundar exclusivamente sobre o egoísmo a garantia da satisfação de suas necessidades, substituindo pelo interesse pessoal e pelo amor do ganho a benevolência e o desinteresse, tanto melhor cumprirá a sua missão... »

A ancia com que vamos concentrando na ambição do conforto material todos os ideaes, talvez seja um symptom de velhice. Sim, é admissivel a hypothese triste de que talvez a humanidade esteja envelhecendo...

Raphael Corrêa, se pudesse ouvir-me, estranharia de certo as phrases com que procuro justificar o seu systema de fidelidade ao passado, de azedume contra o presente, de falta de confiança no futuro. Esse systema, elle o defenderia com outros argumentos ; e seriam melhores os que empregasse ; porque a fé é eloquente : elle acreditava com fervor, ou antes com devoção, nas coisas em que acreditava ; eu duvido, com desanimo, das coisas em que desejo crê...

Quasi me arrependo de não me haver limitado a dizer e mostrar que Raphael Corrêa foi um escriptor corretissimo. Nem de outro titulo precisava elle para figurar dignamente nesta Academia. As

Academias de Letras são terrenos neutros onde se podem encontrar sem chocar-se as mais assinaladas divergencias espirituaes. Quanto a mim, sinto-me bem na vossa companhia que é de intellectuaes, congregados pelo amor á nossa lingua e pelo gosto das coisas literarias, fazendo excepção numa sociedade absorvida pelas preoccupações utilitarias. Disputei com afinco a honra de pertencer ao vosso gremio, acceito com prazer a tarefa de collaborar na vossa obra — e faço votos para que do nosso esforço commum resulte alguma gloria para o nome paulista.



DISCURSO

DE

BRASILIO MACHADO



As Boas Vindas que ao vosso encontro saem de minhas palavras, destas poucas frazes que ao urgir dos ultimos dias consegui compôr, não trazem, como suppondes, um timbre de ouro, assim o requeresse embora o vosso merecimento, de altissimo poeta que sois; mas exprimem, sem artificios, o bem justificado aplauso de toda uma companhia de homens de letras, que, nascente, pôde no emtanto contar desde hoje, e á dianteira dos seus primeiros passos, com a primavera opulenta dos « Poemas e Canções ».

Não foi por travessuras do Acaso, menos a um gesto ironico dos destinos, que se vos abriu ensejo de ocupar a cadeira, de que é João Mendes o padroeiro, e em

que succedeis a Raphael Corrêa. Entraes precedido por dois nomes representativos, dissesse, de uma «coherencia inteiriça». Do ambito dessa cadeira, hoje não mais viuva, destacam-se dois homens fortes, de tempra leal e corajosa, fundidos de um só bloco e do mesmo bronze, e cuja attitude austera se reflecte, em vossa imaginação inquieta, no feitio de uma estatua, teimosamente, irritantemente, torcida para o passado, atrazando-se pela immobildade de suas convicções á marcha turbulenta e instavel da época que lhes foi contemporanea á vida. Homens de outro tempo, homens reliquias, adormecidos dentro de um ideal que não mais se interrompe ou se renova, a cujos traços seria demasiado accrescentar uma linha. Diante da morte, cahiram na mesma compostura com que viveram. E os julgando nessa perspectiva, duvidosamente verdadeira, escultores no seu pedestal, com uma

penna, de costume carregada de sentenças, estes disticos que o tribunal da historia não deve homologar, sem algumas reservas, em toda sua rispida integridade: ultramontanos em religião, conservadores na monarchia; monarchistas na republica, romanistas no direito, mantenedores da vernaculidade da lingua dentro dos moldes quinhentistas.» Ultramontanos... nem poderiam sê-lo; no seu tempo já era obsoleto esse epíteto pejorativo, que de uma circumscripção geographica assumira ou pretendera assumir a expressão de uma divergência na unidade religiosa. Regalista, João Mendes de certo o foi, no regimen do padroado, não divergindo das linhas do partido político, a que fôrça de uma fidelidade irreductivel. Foram ambos catholicos, de confissões desassombradas, e o catholico é, ou foi, o contraposto do ultramontano... Conservadores sem luvida, mas conservadores na po-

litica do imperio, não representando na realidade uma tendencia social perfeitamente definida, tão mesclados estiveram os partidos politicos durante os longos annos da monarchia. Deus não permitta, escrevia um delles tres annos apenas antes da proclamação da republica, que a monarchia, com a sua corte em andrajos, cercada só de egoismos e de impotencias, explorada por ambições vulgares e por ganancias torpes,... sem ponto de apoio nesta sociedade apodrecida, seja levada de roldão em qualquer desses fermentos populares que a miseria, a fome e o desespero sóem originar.» E a reforma de 71 e a emancipação gradual dos escravos, em que tanto se esmerou o velho João Mendes, salvam ao mestre e ao discípulo da pecha de conservadores «da junta do couce», acreditando ambos que do justo equilibrio entre a accão do poder e os assomos da liberdade devia

depender a ponderação da política nacional. Romanistas no direito, mas nós todos somos, com os temperamentos que a evolução da justiça, mais humana, e estalados os rígidos preceitos antigos, pela confluencia de tantos institutos novos, vai paulatinamente introduzindo na disciplina das relações sociaes, não renegando, porém, a herança jurídica que a Roma dos jurisconsultos classicos legou á sua posteridade.

Para apanhar de um lance rápido a estructura intellectual de João Mendes e de Raphael Corrêa, que jamais entenderam possível e ageitada á natureza das coisas uma ruptura de continuidade entre o que morre e passa e o que nasce e cresce, deslembrado talvez da sentença — os vivos são governados pelos mortos, — de uma philosophia que foi vossa, em vez de afastar-vos a vós mesmo, para mais á vontade dominal-os, preferistes, por um esforço da ima-

ginação ou por um desses «crimes da Preguiça», de que um dia vos penitenciastes, preferistes ordenar que elles se fossem recuando do espaço que em vida ocuparam... Não medistes o impulso, o empurrao foi violento, e as inoffensivas sombras tiveram de se internar demais penumbra a dentro do seu passado. Buscastes ter a sensaçao da distancia, de que necessitara a vossa visão, para que não esca-passe á avidez curiosa de vossos olhos um só dos contornos da fi-gura de um e de outro; mas a distancia cresceu, e «la folle du logis» se assenhoreou do resto... A verdade, quando logramos sur-prehendel-a, nem sempre fica ao nosso alcance.

Porque está sempre apenas onde a pomos.
E nunca a pomos onde nós estamos.

Dahi, e na contemplaçao em-bevecida desses espiritos fortes, ainda não comprehendidos e que não raro envolveram numa moi-

ta de espinhos a verdade para mais bem servil-a... dahi, e por contagio, essa duvida em que vos comprazeis. Progredimos? Retrogradamos? Não será o passado um termo a que voltaremos afinal, decadente como se vos afigura o homem, tortuosos, obscuros, desorientados como se abrem os caminhos da vida? Não mente o instincto de perfectilidade que a tantas almas reanima e fortalece? Mercê dos Deuses, esses sobresaltos são passageiros, o poeta «não crê no que acredita.» O passado não recomeça. Que os mortos sepultem os mortos. A poeira das coisas se dissipa para sempre. Se por esses atomos que os ventos carregam pullulam germens de immortalidade, os tempos que sobrevivem os recolhem, e elles fecundam, e, deixando as fórmas caducas, prolongam a vida em aspectos novos

A antithese não é tão formidável. Ainda me enchem de cari-

cia os ouvidos e de consolações
á... minha edade avelhentada, es-
ses versos formosos, que são vos-
sos :

Tu moça; eu quasi velho. Entre nós,
que horror.

Vinte annos de distancia. Entre nós mais
nada.

E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar
de amor.

Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina uma roseira em
flor.

Nem vos intimidem e descon-
solem esses «vinte annos de distan-
cia». A herança desses mortos vos
coube agora. A historia das acade-
mias nem sempre é um tecido de
ironias, por cujos meandros se ve-
nha a perder o fio das successões
merecidas. Pela arteria das he-
ranças adquiridas, e não serei eu
quem o repita a um manuseador de
autos sob a claridade da lampada
do direito, não corre invariavel-
mente uma consanguinidade for-
çada. Nas academias, se ha «de
cujus», o acervo a transmittir não

depende, para que se desloque, das palavras sacramentaes de quem tenha a capacidade activa de testar. São successões virtualmente intestadas, addidas por herdeiros adoptivos que as proprias academias elegem. E o successor, uma vez distribuida a herança, recebe-a com dobrada responsabilidade de encargos, sendo-lhe vedado sempre tomal-a a beneficio de inventario.

A cadeira de João Mendes, iuaugurada como bem accentuastes, por um erudito, e em que peze ao seu aspecto severo e superficialmente sombrio, não está fóra assim do feitio de um poeta, que se não esconde os louros e são tantos ! de sua gloria literaria entre os arminhos do magistrado, não sentencia, nem por descuido, em verso, nem glosa sentenças, e que, sobretudo para nós, tem a devoção carinhosa das boas letras e « o amor de nossa lingua ». Aqui, sem dissipar as forças da herança, se

não pôde o poeta sentir mal sucedendo a um erudito. O homem, leio no prefacio de Euclides da Cunha aos vossos «Poemas e Canções», não é, isoladamente, artista, poeta, sabio ou philosopho. Deve ser tudo isto a um tempo, porque a natureza é integra. A phrase é de um naturalista.

«E' comprehensivel. E della se deduz que nesta approximação crescente entre a realidade tangivel e a phantasia criadora, o poeta, continuadamente mais proximo do pensador, vae cada vez mais reflectindo no rythmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza...» E não seria exaggero accrescentar, que o poeta, ainda quando descreve os seus estados d'alma, recorre á natureza ambiente, e na fórmula e na cõr copía, para destaque de suas impressões mais suas, o recorte de uma folha, um trecho do azul do céu, uma cadencia de ondas, um

desfilar de estrellas, os frouxéis de um ninho, uma sombra de grutas, um esplendor de sóes...

Narra uma lenda, que um solitario irlandez, durante largas horas do dia punha-se de joelhos, á entrada da caverna que lhe era habitação, e donde desterrara, num despreendimento que só a posse do divino explica, todas as preoccupações mundanas. Pendida a cabeça numa contricção perfeita, olhos abertos para a alma, braços abertos num rispido gesto de crucificado, mãos abertas para o céu. Nessa postura, entrava em extasis, longos, profundos, de que não o sacudia nem a impressão do frio, nem a quentura do sol. Ora, aconteceu que um passarinho, esvoaçando por aquelles ermos, deparou com o velho eremita. O solitario, pareceu-lhe uma estatua de pedra. Era a estação dos ninhos, e por uma travesura habitual nos poetas e nas aves, escolheu o concavo de uma das mãos para a fabricação do seu.

A immobildade do extatico durou dias. Despertando o solitario, viu o ninho em sua mão, e percebendo a illusão do passaro, não quiz dosvanecel-a. Pediu numa prece de fervor e carinho a graça de se prolongar o extasis, até o momento que, crescida em azas, a prole do passarinho pudesse dispensar o arrimo de suas mãos. E essa graça lhe não foi negada. Que muito é pois de estranhar que nos braços desta cadeira que é a recordação de dois solitarios austeros, ambos mergulhados na serenidade de seus ideaes superiores, venha um poeta, que sempre viveu da familiaridade da natureza, venha com as pennugens de seus sonhos urdir o seu ninho, e dalli desprender o surto de suas azas, e a criação de sua prole...

«... rimando versos, namorando a gloria » ?

Se os solitarios, conseguiram atravessar a vida, alheiados da suggestão das idéas novas, amor-

tecidos em terra submersa pelo silencio, não serão elles, resurreição de sombras, que irritados venham abafar

«o éco de tua voz»
e varrer, num gesto violento
«a névoa do teu sonho»

Mais recalcado, do que foi um certo coração estroina, da «carteira de um doudo»,

no fundo do seu carcere medonho,
a encher
de sonhos vãos a sua noite enorme
de sob essa cadeira, como
do seio da terra que o consome,
não escutareis
subir a voz de alguém que está chamando.

Sois poeta, poeta entre os que mais o são, e para nós é quanto basta; poeta de vocaçao, poeta, que faz profissão de o ser; poeta que allia o esplendor da fórmula, da belleza linear de um vaso grego,

o rythmo sempre animado, ao sentimento que a corações commove, ao ideal em que se libra o espirito; poeta, que é todo nosso, e faz questão de o ser; poeta que no expressivo dizer de Paul Bourget, se transcreve a si proprio em sua obra, e cujas producções têm o cunho de uma data, a imagem reproduzida do época em que viveu.

Não nos enleia o empenho de conhecer a escola, de que seja serviçal o vosso estro, se dos moldes e das tintas, se dos estados d'alma, se das impressões da natureza. «Un bon vers n'a pas d'école». Ao embevecimento que produz o gorgeio de um passaro, a ninguem ocorre a curiosidade de saber a especie donde proveiu e a familia em que se entronca. Contemplando a superficie de um rio, por onde se larga a sombra do arvoredo e brinca o vôo caprichoso dos insectos de oiro, ninguem se preoccupa de, cortando o sonho, remontar-lhe o curso a descobrir

numa pedra, num barranco, num
banhado o mysterioso veio donde
escorre.

O amor sincero á natureza, o culto
á doce religião da natureza amiga ..
e ante o explendor da natureza em festa.

desperta em vossa imaginação a
suspeita de que ainda, através de
dilatadas gerações, estua em vós

a alma do avô selvagem
comprimida, esmagada, attonita, infeliz,
mettida numa vasta e complexa engrenagem
de deveres moraes e de tramoias subtils,
de apuros de dinheiro e apuros de linguagem ;

e então, bravio, revoltado, mal
comprimis o impeto de

da civilisação — como de uma gaiola ; escapar

e, numa carreira desabalada, errar
atão, entrar o primeiro atalho, as-
pirar a suavidade de uma manhan
de sol, esvoaçar pela curva azula-
da de um céu distante, tudo es-
quecer e tudo abandonar...

na delicia absorto
de sentir a alma leve, ôca, vazia .. assim
como um tóco sem vida a boiar num mar morto...

Travessuras ; mas travessuras
passageiras de poeta cheio de ex-
huberantes phantasias

Sem duvida que a natureza se familiarisa com a vossa inspiração; mas não vibra inteira por vossos versos. Alguns de seus aspectos passam indifferentes. O que mais sobrepuja da natureza nos trechos mais numerosos de vossa obra, é o sussurro do mar, a grandeza do mar, «a embriaguez das ondas estrelladas», os innumeraveis sorrisos do mar» (Homero), dando ao longo quasi incessante de vossas poesias, a belleza de uma pequenina floresta de coraes, trazidos, de vaga em vaga, do escrinio do oceano. Não vos assaltasse

um furioso desejo, ou do matto, ou do mar.

Não fosseis vós um impenitente pescador de peixes, de quando em vez, e sempre um pescador de perolas.

Quando ouvis um tropel de escravos «fugindo ao captiveiro», a scena sinistra.

negra, immensa, disforme,

atravez da escuridão nocturna, se desenlaça em plena mata e em plena Serra do Mar, rumo do Jabaquara.

Muitos de vossos versos recordam *conchas* em que se pode ouvir,

indistincto e confuso um remoto fragor de vagas e de ventos,

como na symphonia da *Nevoa* de Amadeu Amaral.

Ainda em vossos poemas de amor, se compassa o rythmo e canta ao rumorejar das ondas que, mansas ou revoltadas, na praia marcam a cesurá do verso, tanto gême em vossa alma «la grande voix des mers» e tão continua é a suggestão do espaço.

Essa «Rosa, rosa de amor» não deverá chorosa perguntar :

Rosa, rosa de amor purpurea e bella
Quem entre os goivos te esfolhou da campa ?

mas

Rosa, rosa de amor purpurea e bella
Quem entre as «conchas» te esfolhou do mar ?

O marulho, de mais perto ou
de mais longe, se estende : e
sonhaes nas ilhas do mar.

solidões tranquillas feitas para o beijo,
ninhos verdejantes feitos para o amor ...

O amor e o mar como vos
seduzem elles! Qual delles mais
perfidia esconde ? mais tentações
assantha em suas ternuras? mais
vidas afoga no distender voluptu-
oso de suas vagas ? mais sonhos
dissipa na arrebentação de suas
espumas? E tão enamorado andais
do mar que na tremura de suas
aguas sentis

bruscos arrepios da mulher beijada ..

Vossa alma anceia pelo espaço
e o mar se prolonga quasi inter-
mino, e largais vossa coração avido
de amor,

sempre burlado e nunca esmorecido,
ás aventuras do mar «numa casca de noz».

Sois um poeta praiano, um poeta de marinhas. E assim como o que mais vos absorve o sonho na natureza, é

a infinita extensão do mar ermo, perdido nos confins do horizonte amortalhado em bruma, assim o amor no vosso lyrismo apaixonado e quente, só vive, só canta, só é travesso emfim

de bocca em bocca da mulher bonita . . .

parecendo que não vos afastaes muito, pela attracção que dupla vos aprisiona, do grego Thales que supponha gerada a mulher, do encontro de dois beijos, do vento e da onda.

Sois, quantas côres no iris da vossa inspiração ! sois o poeta dos beijos ! Não comprehendéis confissão de amor, luminosa pelo cruzamento de dous olhares; tentadora, pelo furtivo enlace de duas mãos; silenciosa, pela troca de dous sorrisos; envergonhada, pelo segre-

do de duas bocas. Para vós toda a renuncia, todo o abandono de uma alma, não é completo, se não quando se devoram beijos numa boca de mulher querida. Dissestes, remoçando um «velho thema»,

beijos dos labios de mulher amada
o unico bem és tu !

embora, voluvel, na «Tentação do Diabo» imaginasseis que durante o primeiro somno da primeira mulher, tentado pela

frescura sem par daquella bocca em flor

Satan entreabindo os labios,

e enchendo-os de veneno
sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher . . .

Arrufos de poeta, que se desvanecem ao primeiro beijo da mulher que encontre Arrufos que mentem, para aguçar ancias de coração esfomeado,

só porque a flor do teu beijo
pende de rama tão alta .

Arrufos de quem se quer vingar
do amargo de uns

beijos murchos que não foram dados ;
e que se desafrontam, gastando á
larga vinte annos de um amor
prodigo, todos passados

sem remorso nem pena, em galanteios,
colhendo beijos, desfolhando flores .

E assim por esses versos em-
fóra, a sentir a frescura acaricia-
dora e singela da fórma, a caden-
cia dos beijos e o murmurio do
mar, nós vivemos a melhor das
vidas, de sonho em sonho,

nous vivons des récits de ces charmeurs d'étoi-
les . . .

perdoando a mim o excelso acade-
mico a leviandade de ter acceptado
a missão desta palavra, lembrando-
se de

Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).